

Réquiem para todas as bruxas

Ao abraçar com os olhos o meu texto, não se iluda: esta é a inquisição revisitada. Há um tanto de raiva no que escrevo, um muito de frustração. E são esses os únicos sentimentos que me levam a escrever, pois cada uma das histórias que conto, quando as conto, não estão mais comigo. São suas. Deixo de vivê-las, então: arranco-as de mim mesmo quando nunca as vivi, e fico um pouco mais pobre, mais só. Ah, mas seu eu pudesse, não as escreveria. Histórias são para se viver ou esquecer. O que se conta não é a vida, mas um ponto aumentado. Se, no entanto, é isso o que você quer, aí o tem. Não use, porém, nenhum álibi. Se está comigo até agora, temos, eu e você, um pacto de sangue. O mesmo que une e condena as bruxas a uma infelicidade vaga e solitária, e contra o qual são inúteis o seu descrédito e a minha zanga.

Cecília. Esse era o seu nome. Miúda e delicada. Só que isso não explica como ela conseguia se esconder do tempo. Sim, porque jamais envelhecia. Olhava todos ao seu redor despencarem junto com os anos e ela ali, incólume. Mas eu sempre soube muito bem que ninguém, nem ela, podia desafiar impunemente as leis da natureza. Aquela aparência angelical e o talento incomum escondiam algo totalmente destituído de inocência. E não era um retrato. Era algo que ela trazia dentro de si própria em segredo, renegado como uma maldição.

Um dia, Cecília acordou de mal com a vida. Não comeu. Não beijou a filha pequena, entregue à babá. Não amou o marido após o almoço, como fazia todos os dias, muitas vezes enfasiada. Estava transbordante de angústia e, se pudesse, teria fulminado a paisagem até o horizonte somente para estar sozinha num raio de muitos quilômetros. Inútil desejo. Era preciso que se apresentasse, na noite seguinte, num teatro de uma cidade distante cerca de 200 quilômetros no interior do estado, lugar pequeno, sem aeroporto. Havia me esquecido: Cecília era cantora. O marido era o empresário. Pois era preciso ensaiar com os músicos, viajar de carro a encarar a multidão.

À noite, todos estavam dormindo após um dia de ensaios estafantes e crises de mau gênio de Cecília. Que, ao contrário de todos, não dormira. Fumada, ainda que proibida pelo médico e o marido. A filha brincara o dia todo com a babá e, por isso, deveria dormir a noite inteira, o que seria uma bênção. Contudo, não havia lugar para bênçãos na vida de Cecília. A porta do quarto da criança se abriu devagar e a menina saiu andando. Passou pelo

pai, que dormia, e não subiu na cama, como fazia sempre. Encaminhou-se direto para a varanda, onde a mãe fumava calada, olhando a menina caminhar. A criança parou defronte à mãe sem emitir um som e olhou-a absolutamente séria. Depois de alguns minutos assim, deu meia-volta e retornou para o quarto, fechando a porta. Cecília aguardou, mas não ouviu mais nada. Foi até o quarto da filha, abriu a porta e viu que a menina dormia profundamente. Ao girar o trinco novamente, viu que a mão escorregava. Um líquido viscoso fazia a pela deslizar sobre o metal. Como estava escuro, ela não distinguiu o que era. Resolveu, então, acender a luz. Era sangue.

O grito que Cecília emitiu pareceu nascer de outro corpo, maior e mais poderoso. Ela vertia sangue das mãos e não havia nenhuma ferimento, nada que justificasse a hemorragia. Antes que se chamasse um médico, antes que o marido e a babá saíssem do estupor em que se encontrava, o sangue estancou. Mas não as lágrimas grossas de dor de Cecília, que chorava em silêncio, olhando para a filha, a única que não havia acordado.

Cecília decidiu, então, que não viajaria. Ficou uma semana em casa, sem permitir que a filha sequer fosse à escola. De repente, sem nenhum aviso prévio, decidiu que ela própria levaria a filha para a aula, e não o motorista, como de costume. Colocou a filha na cadeirinha do banco de trás do carro, abriu o vidro somente o bastante para a menina olhar a paisagem e dirigiu bem devagar. No sinal próximo à escola, os pivetes de sempre vendendo chicletes, pedindo dinheiro. Ela não tinha trocados e nem abriria mais o vidro para dá-los, se os tivesse. A filha, que até então vinha tagarelado, estava quieta. Cecília sentiu um frio estranho, já que o sol há pouco estava no cimo e o verão era pleno. Ela estacionou e olhou para trás. A tempo ainda de ver o sangue que jorrava, grosso, do pescoço da menina, cortado por um canivete que ela não vira entrar pela janela.

Muitos comentaram, depois, a frieza de Cecília, que levou a filha ao hospital declarando já saber que ela estava morta. No enterro, não chorou. Mas desde a noite em que sangrou pelas mão intactas, o canto ficou para sempre preso na garganta de Cecília.